

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

05 a 12 de agosto 2022 | www.abbc.org.br



Alívio relativo

A semana foi marcada pela deflação do IPCA em julho, com recuo mensal de -0,68%. Com isso, o ritmo de expansão anual saiu de 11,9% a.a. em jun/22 para 10,1% a.a. O alívio refletiu a queda dos preços dos combustíveis e da energia elétrica decorrente, fundamentalmente, da desoneração dos impostos sobre combustíveis e energia. Contudo, o balanço de risco para a inflação no horizonte relevante se mantém desfavorável, com os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico permanecendo em termos anualizados acima do intervalo compatível com as metas. Com esse cenário, as projeções da pesquisa Focus para a inflação recuaram -0,09 p.p. para 7,02% em 2022. Entretanto, como as medidas vigentes são válidas somente até o final desse ano, a previsão para o IPCA de 2023 subiu 0,02 p.p. para 5,38% e para 2024 cresceu 0,11 p.p. para 3,41%. Diante do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos, a ata do Copom considerou adequado que o ciclo de aperto monetário continue avançando em território contracionista e avaliará a necessidade de um ajuste residual, de menor magnitude, em sua próxima reunião. Impulsionado pela menor aversão ao risco com a depreciação do dólar no mercado internacional e beneficiando-se do forte fluxo de entrada de capital externo na Bolsa e em renda fixa, o real apresentou desempenho favorável, encerrando a semana com o dólar cotado a R\$ 5,08 (apreciação de 1,77%). Ademais, beneficiada pelo desempenho favorável do real e pelo provável final do ciclo de aperto monetário e pelo comportamento da inflação corrente, a curva de juros apresentou alívio nos prêmios na semana, principalmente nos vértices mais longos. Acompanhando o movimento, a taxa do swap DI prefixado de 360 dias recuou -0,19 p.p. na semana para 13,40% a.a.. Mesmo com redução de -0,19 p.p., a taxa real de juros *ex-ante* mantém-se em terreno fortemente contracionista, finalizando em 7,28% a.a.. Do lado da atividade, alavancado pelo setor de serviços, o IBC-Br apontou alta de 0,7% em jun/22 (2,2% a.a. na variação acumulada em 12 meses). O setor de serviços apontou alta de 0,7% em julho (10,5% a.a.), enquanto o comércio registrou retração de -1,4% no varejo restrito e de -2,4% no conceito ampliado em julho (-0,9% a.a. e -0,8% a.a., respectivamente), influenciado pela dinâmica negativa para a inflação, elevado nível de endividamento das famílias e queda da renda. Para a próxima semana serão destaques a reunião do CMN, divulgação do IGP-10, monitor do PIB, produção industrial e vendas no varejo dos EUA e China, além da ata da última reunião do FomC.

Expectativas

IPCA (%) Mediana - agregado			
	12/08/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
ago/22	-0,19	-0,15	0,13
set/22	0,48	0,50	0,49
out/22	0,54	0,54	0,54
2022	7,02	7,11	7,54
2023	5,38	5,36	5,20
2024	3,41	3,30	3,30

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

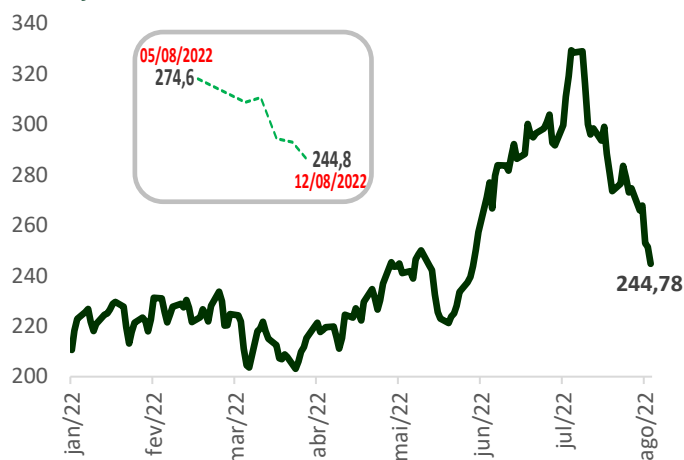
De acordo com o Boletim Focus, a mediana das projeções para a inflação de 2022 continuou caindo, refletindo os efeitos da redução de impostos sobre os preços administrados. A de agosto ficou em -0,19%, ante -0,15% na leitura anterior, a de setembro passou de 0,50% para 0,48% e a de outubro manteve-se 0,54%. Assim, as estimativas para esse ano caíram de 7,11% para 7,02%. Por sua vez, como as medidas serão vigentes somente até o final desse ano, as projeções para 2023 e 2024 permaneceram se deteriorando, impondo desafios à estratégia do Copom de finalizar o ciclo de aperto monetário. A previsão para o IPCA de 2023 oscilou de 5,36% para 5,38% e a para 2024 aumentou, de forma intensa, de 3,30% para 3,41%, distanciando-se ainda mais das metas estipuladas, de 3,25% e 3,00%, respectivamente. A projeção de mercado para a Meta Selic manteve-se estável em 13,75% a.a. para o final de 2022, em 11,00% a.a. para 2023 e em 8,00% a.a. para 2024. No que tange à atividade econômica, mostrou novo aumento de projeções para o crescimento do PIB, oscilando de 1,98% para 2,00% esse ano, de 0,40% para 0,41% para 2023 e de 1,70% para 1,80% para 2024. Sem alterações, as estimativas para as taxas de câmbio seguiram em R\$ 5,20/US\$ aos finais de 2022 e 2023 e em R\$ 5,10/US\$ ao término de 2024.

No campo fiscal, com poucas alterações, a estimativa para a dívida líquida do setor público permaneceu em 59,15% do PIB para 2022, oscilou de 63,70% para 63,97% do PIB para 2023, mantendo-se em 65,00% do PIB para 2024. A expectativa para o resultado primário seguiu em 0,30% do PIB em 2022, passou de um déficit de -0,30% para -0,37% do PIB em 2023, mantendo-se estável em 0,0% em 2024. Para o resultado nominal, a projeção do déficit manteve-se em -6,80% do PIB para 2022, -7,70% para 2023, variando de -5,60% do PIB para -5,75% em 2024.

Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS)

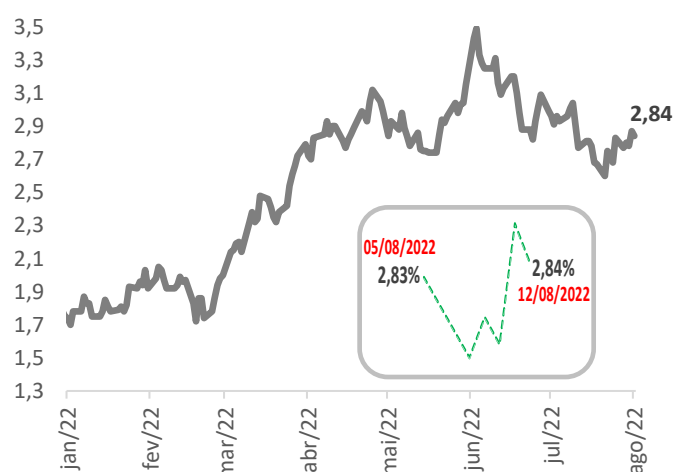
Variação na semana



Com o ambiente externo mais propício ao risco, beneficiado pela perspectiva de aperto monetário menos intenso nos EUA amenizando a perspectiva de desaceleração do ritmo de atividade econômica mundial por causa dos juros globais mais elevados, da inflação elevada e das condições financeiras mais apertadas, houve na semana uma redução na aversão ao risco. Nesse sentido, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -29,85 bps. na semana para 244,78 bps..

Os retornos das *T-Notes* com vencimentos em 2 e 10 anos apresentaram, na semana, elevação de 0,01 p.p. cada, para 2,84% a.a. e 3,25% a.a., respectivamente.

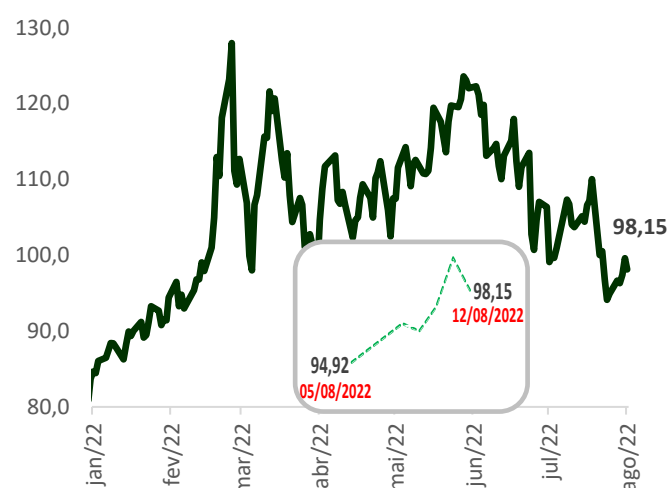
T-Note 10 anos- (% a.a.)



Também beneficiada pela melhora na aversão ao risco, a cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 3,40% na semana para US\$ 98,15, ainda abaixo do patamar de US\$ 100,00. O aumento do uso de petróleo para geração de energia na Europa e Oriente Médio deverá manter a demanda da *commodity* alta, o que deve pressionar os preços no restante do ano.

Petróleo

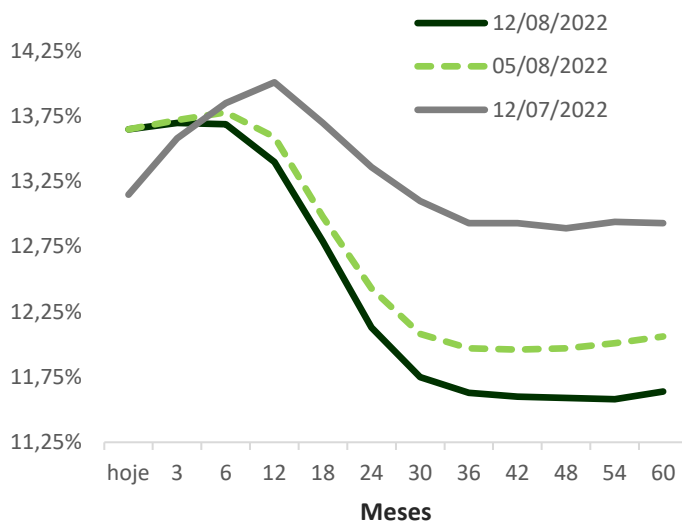
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)

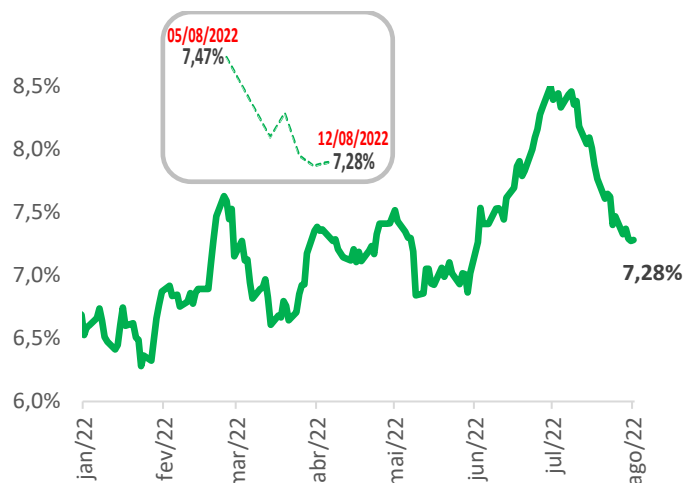


A curva de juros apresentou um alívio nos prêmios ao longo da curva, principalmente nos vértices mais longos, propiciado pelo desempenho favorável do real e pelo provável término do ciclo de aperto monetário doméstico.

Assim, na semana, observaram-se reduções de -0,30 p.p. no vértice de 24 meses e de -0,34 p.p. no de 36 meses, para 12,13% a.a. e 11,63% a.a., respectivamente. Enquanto os vértices mais longos, de 48 e 60 meses, apontaram reduções de -0,38 p.p. e de -0,42 p.p., para 11,59% a.a. e 11,64% a.a., na ordem.

Taxa Real de Juros (a.a.)

Ex-ante

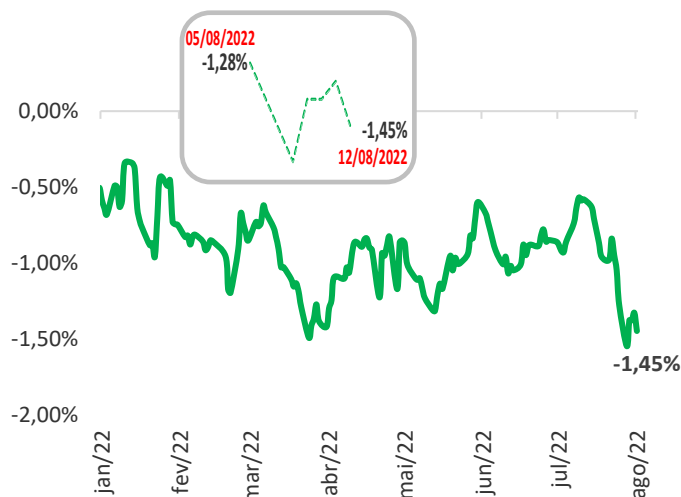


Acompanhando o movimento, a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias recuou -0,19 p.p. na semana, para 13,40% a.a.. Dessa forma, com a alta de 0,02 p.p., no período, da inflação esperada para os próximos 12 meses, para 5,71%, a taxa real de juros *ex-ante* apresentou contração de -0,19 p.p. para 7,28% a.a..

Por fim, o spread entre as taxas de juros de 10 anos e de 1 ano, negociadas na Anbima, voltou a cair, -0,17 p.p. na semana, encerrando em -1,10 p.p.. Considerando a curva futura de juros da B3, o mesmo spread recuou -0,17 p.p. na semana para -1,45 p.p..

Spread da Taxa de Juros

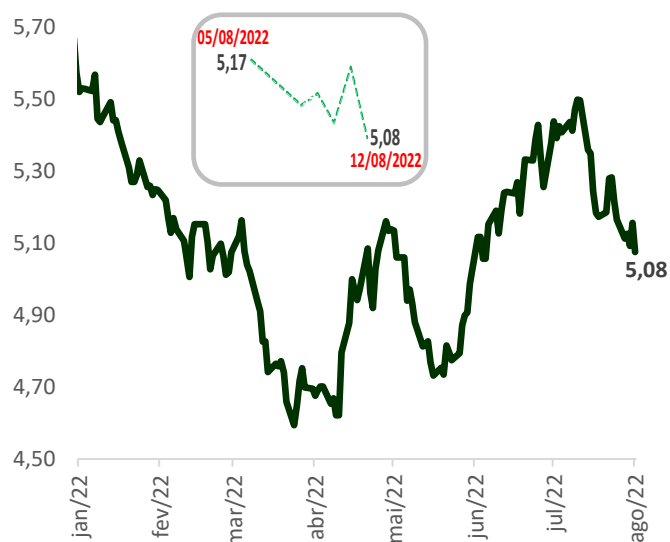
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



Respondendo à perspectiva de uma redução no ritmo de aperto monetário por parte do Federal Reserve, o *Dollar Index*, que calcula a variação da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, apresentou queda de -0,93% na semana, com destaques para as apreciações de 0,74% do euro e de 0,54% da libra esterlina. Em linha, o índice que mede o desempenho das moedas de países emergentes frente ao dólar subiu 1,51% no período, com destaques para as apreciações de 1,26% no peso argentino e de 0,15% na lira turca.

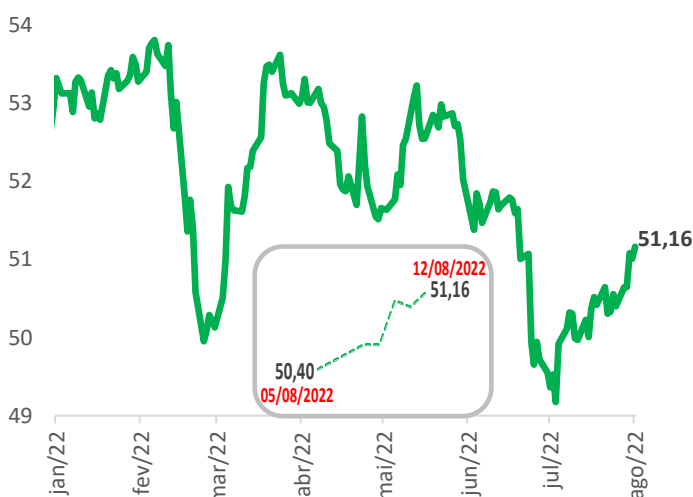
Dollar Index



Impulsionado pelo forte fluxo de entrada de capital externo na Bolsa e em renda fixa, o real apresentou desempenho favorável, semelhante aos de seus pares, porém, com mais intensidade, encerrando a semana com o dólar cotado a R\$ 5,08 (apreciação de 1,77%).

Com isso, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/09/2022.

Índice de Emergentes*



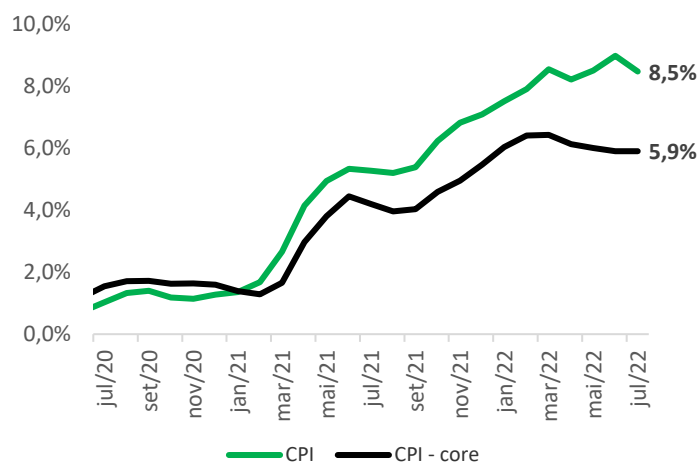
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

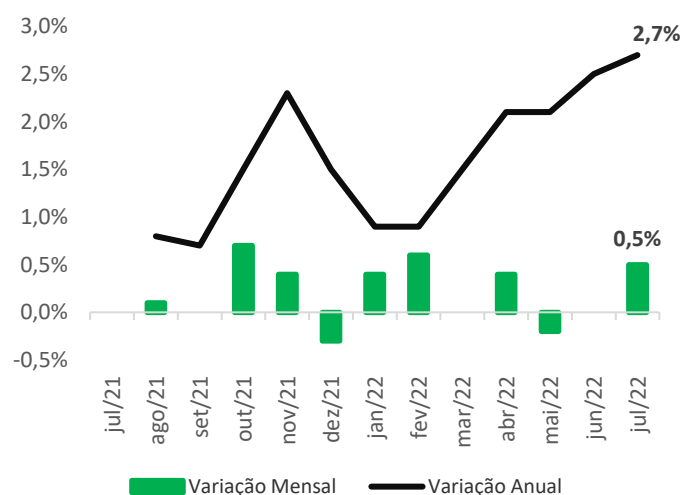
Atividade Global – Jul/22

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) - (% a.a.)



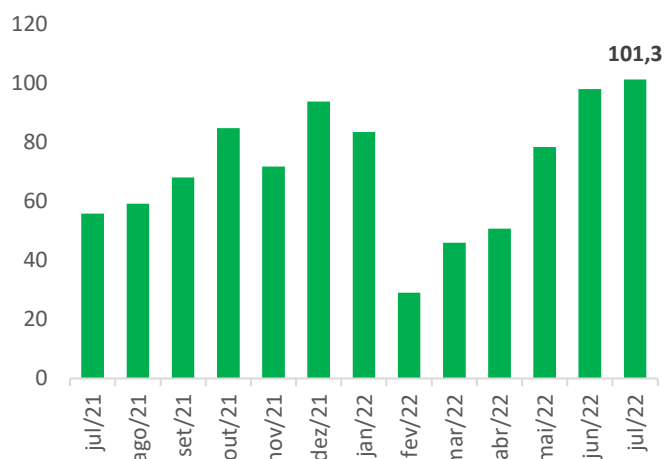
Fonte: US Department of Labor. Elaboração ABBC

China – Inflação ao Consumidor (CPI)



China – Balança Comercial Mensal

Saldo – US\$ Bilhões



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Abaixo das expectativas de mercado (0,20%) e com estabilidade na margem, o índice de preços ao consumidor (CPI) dos EUA encerrou o mês de julho em 8,5% a.a. (ante 7,1% a.a. em dez/21). Na análise da medida de núcleo do CPI, que exclui os voláteis preços de alimentos e energia, a alta mensal foi de 0,3%, encerrando em 5,9% a.a. (5,5% a.a. em dez/21). A despeito da política monetária mais restritiva, persistem as pressões sobre os preços sob a influência do descolamento entre a demanda e oferta, da continuidade dos gargalos nas cadeias de suprimentos globais e do aperto do mercado de trabalho. Para esta semana, a atenção estará voltada para os dados de atividade que poderão dar um sinal do seu ritmo de variação no 3T22, da probabilidade da ocorrência de uma futura recessão e dos próximos movimentos da política monetária pelo Federal Reserve.

Na China, a inflação subiu acima das expectativas de mercado. Em julho, o CPI cresceu 0,5% na margem, contra a estabilidade demonstrada em jun/22, acelerando a inflação de 2,5% a.a. em jun/22 para 2,7% a.a.. Acima da previsão do mercado, o saldo da balança comercial encerrou julho com superávit de US\$ 101,3 bilhões, ante os US\$ 97,94 bilhões registrados em jun/22. Com a flexibilização das medidas de restrição de mobilidade social para conter a Covid-19, as exportações tiveram acréscimo de 18,0%, na comparação com jul/21. Já as importações subiram 2,3% em julho, nessa mesma base de comparação. O bom desempenho da balança comercial refletiu o retorno do funcionamento dos portos do país e a melhora no fluxo das estradas que transportam bens e mercadorias até os pontos de embarque.

Ata Copom – Jun/22

Cenário Básico Projeções de Inflação do Copom			
	2022	2023	2024
	Cenário de Referência		
Câmbio R\$/US\$ *	R\$ 5,30	R\$ 5,30	R\$ 5,30
Selic %	13,75%	11,00%	8,00%
Preços Administrados	-1,30%	8,40%	3,60%
Inflação**	6,80%	4,60%	2,70%

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

A ata do Copom indicou que a reversão dos estímulos monetários nos países mais avançados, conjugada com o aumento da aversão ao risco e a mudança de perspectiva para o crescimento econômico, em um ambiente de inflação significativamente pressionada, eleva a incerteza e gera volatilidade, impactando os indicadores de condições financeiras. Reiterou, ainda, que as taxas de inflação em algumas economias indicam pressões ainda fortes, mas que já se observa uma normalização, ainda que incipiente, das cadeias globais de suprimentos, e, portanto, um menor desequilíbrio no mercado de bens industriais, além de uma acomodação recente nos preços das principais commodities.

Domesticamente, avaliou-se a recuperação econômica ao longo do 2T22 e a retomada mais forte no mercado de trabalho. No cenário inflacionário, a redução de impostos sobre os preços de energia já começou a ser observada nos indicadores de alta frequência. Todavia, ainda se mantém elevada, disseminada entre vários componentes, mostrando-se mais persistente que o antecipado, sobretudo nos componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária, mantendo-se acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta para a inflação.

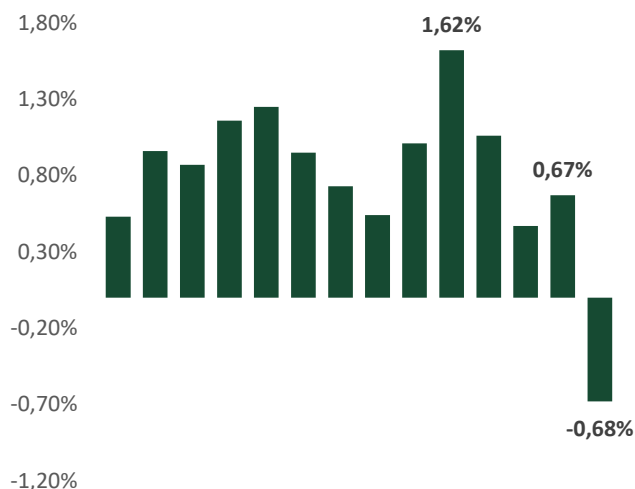
No cenário de referência, com a trajetória para a taxa de juros extraída da pesquisa Focus e a taxa de câmbio de USD/BRL 5,30, evoluindo segundo a paridade do poder de compra, pressupõe-se trajetória de juros que termina 2022 em 13,75% a.a., reduz-se para 11,00% em 2023 e 8,00% em 2024. Supõe-se ainda que preço do petróleo siga aproximadamente a curva futura nos próximos seis meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente. Com isso, as projeções de inflação do Copom situam-se em 6,8% para 2022, 4,6% para 2023 e 2,7% para 2024. Para os preços administrados foram de -1,3% para 2022, 8,4% para 2023 e 3,6% para 2024. As projeções do cenário de referência

incorporam ainda o impacto das medidas tributárias recentemente aprovadas. Na pesquisa pré-Copom, a mediana das projeções mostra que esse impacto seria de -2,5 p.p. na inflação de 2022 e de +0,7 p.p. na de 2023. Para o horizonte de 6 trimestres à frente do Banco Central, que suaviza o efeito ano-calendário, mas incorpora os impactos secundários das medidas tributárias que incidem entre 2022 e o 1T23, a projeção de inflação acumulada em 12 meses situa-se em 3,5%. Assim, um novo ajuste de 0,50 p.p. para 13,75% a.a. teria sido apropriado com a estratégia de convergência ao redor da meta.

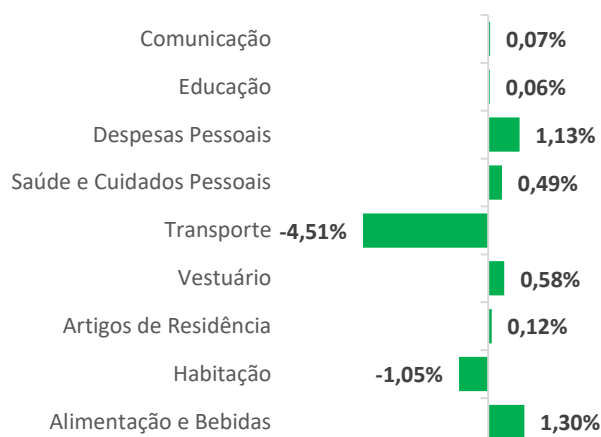
O documentou enfatizou ainda as discussões sobre o hiato do produto e as surpresas recorrentes com os dados do mercado de trabalho, sugerindo um fechamento do hiato mais célere do que o projetado. Entretanto, ponderou que ainda há ociosidade na economia. Entende que os efeitos defasados da política monetária irão desacelerar a economia mais significativamente a partir do 2º semestre, e que seguirá analisando o hiato à luz das próximas divulgações. Destacou ainda que caso as medidas fiscais de estímulo à demanda se tornem permanentes, devem se acentuar os riscos de alta para o cenário inflacionário. Em contrapartida, uma eventual desaceleração da economia global também acentua os riscos de baixa. Diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos, o Copom considerou adequado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista e avaliará a necessidade de um ajuste residual, de menor magnitude, em sua próxima reunião para assegurar a convergência da inflação para suas metas, no ano calendário de 2023, horizonte mais relevante para a política monetária e em menor medida para 2024.

IPCA - Jul/22

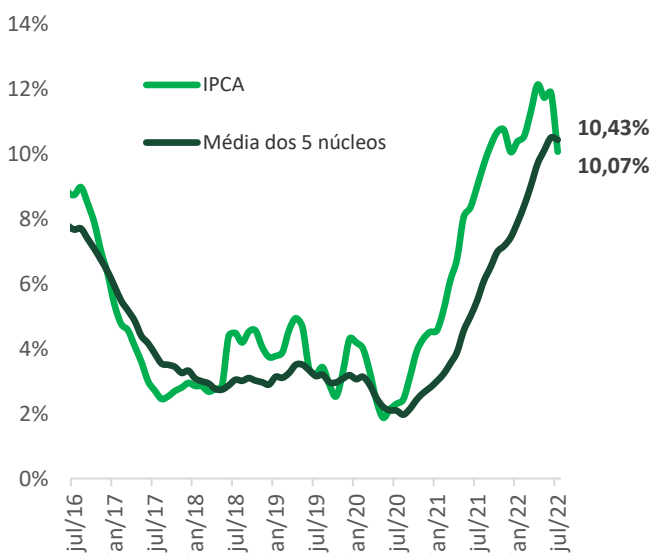
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura por grupos



Evolução Anual



Fonte: IGBE. Elaboração ABBC

Após avançar 0,67% em jun/22, o IPCA registrou deflação de -0,68% em julho, valor próximo da expectativa de mercado de -0,65%. Com alta de 4,77% no ano, o indicador apresentou desaceleração de 11,89% a.a. em jun/22 para 10,07% a.a.. A despeito do alívio pontual, propiciado pela desoneração dos preços dos combustíveis e energia, o balanço de riscos para a inflação no horizonte relevante para a política monetária se mantém bastante negativo, com os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária, que apresentam maior inércia inflacionária, exibindo trajetória acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta para a inflação.

Em julho, a descompressão refletiu a deflação nos preços dos combustíveis (-14,15%) e de energia elétrica (-5,78%) por conta da redução dos impostos nesses setores. O subitem gasolina apresentou o maior impacto individual (-1,04 p.p.) no índice total, com deflação de -15,48%, enquanto etanol recuou -11,38% facilitando que a variação de preços do grupo Transportes saísse de -0,57% em jun/22 para -4,51%. No mesmo sentido, a energia elétrica contribuiu com o recuo de -1,05% em Habitação (0,41% em jun/22).

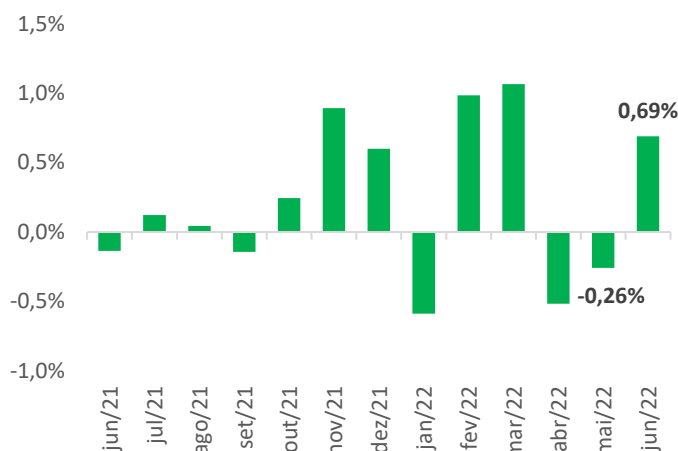
Por outro lado, os preços dos alimentos seguiram pressionando o indicador. Com acréscimo de 1,30% no mês (0,80% em jun/22), o grupo Alimentos e Bebidas foi impulsionado pela aceleração nos custos com alimentação no domicílio (1,47%). Destaque para o impacto de 0,22 p.p. no item leite longa vida, com elevação de 25,46% em julho, cujos preços já haviam subido 10,72% no mês anterior. Ênfase também para o grupo de Despesas Pessoais (1,13%), que acelerou em relação ao mês anterior (0,49%), com impacto de 0,11 p.p. no índice total.

Mesmo diante do tamanho do ciclo do aperto monetário, a dinâmica inflacionária preocupa, agravada por vetores externos como o aumento das *commodities* e da inflação global. Assim, o cenário para várias medidas importantes como a de serviços, subjacentes e de núcleos permanece adverso. No caso da inflação de serviços, a melhora do mercado de trabalho e os novos estímulos fiscais impõem pressões adicionais.

No que tange à inflação subjacente, as diversas medidas distanciam-se cada vez mais das metas, a saber: 15,98% a.a. em alimentação, 12,99% a.a. em bens industriais e 9,17% a.a. em serviços. Adicionalmente, a adversidade do cenário evidencia-se também nas medidas de núcleos, de forma que em julho, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central desacelerou de 10,50% a.a. em jun/22 para 10,43% a.a..

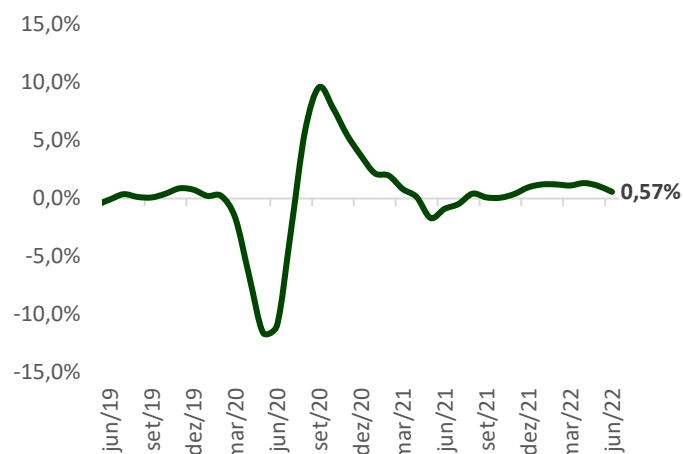
IBC-Br - Jun/22

Variação Mensal Com ajuste sazonal



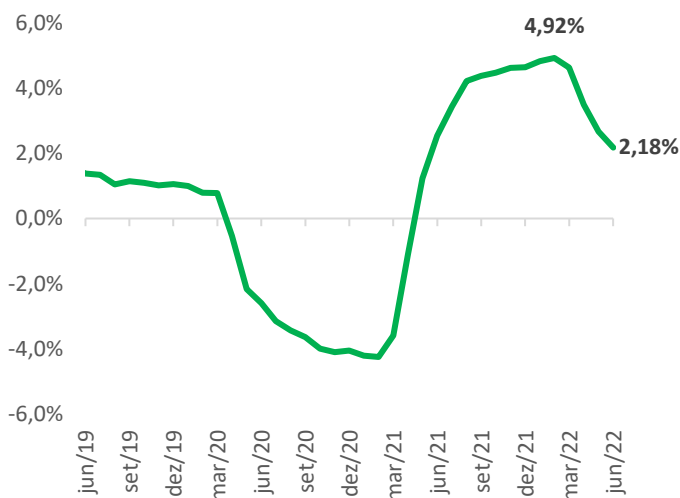
O Índice de Atividade Econômica do Banco Central apresentou alta de 0,69% em junho após a queda de -0,52% em abr/22 e de -0,26% em mai/22, conforme a revisão da série com ajuste sazonal. O aumento do IBC-Br se deveu fundamentalmente a retomada no setor de serviços, cujo índice apresentou um avanço de 0,70% em junho, dado que houve queda de -1,4% no comércio restrito e de -2,4% no ampliado.

Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Na variação trimestral, o índice apresentou uma desaceleração significativa em seu ritmo de crescimento, passando de 1,09% em mai/22, com os dados revisados, para 0,57% em junho. Da mesma forma, a variação anual do acumulado em 12 meses segue em trajetória cadente, apresentando a 4ª queda consecutiva, partindo da alta de 4,92% a.a. em fev/22 para 2,18% a.a. em junho. O comportamento do indicador sinaliza um crescimento de 2,00% no ano.

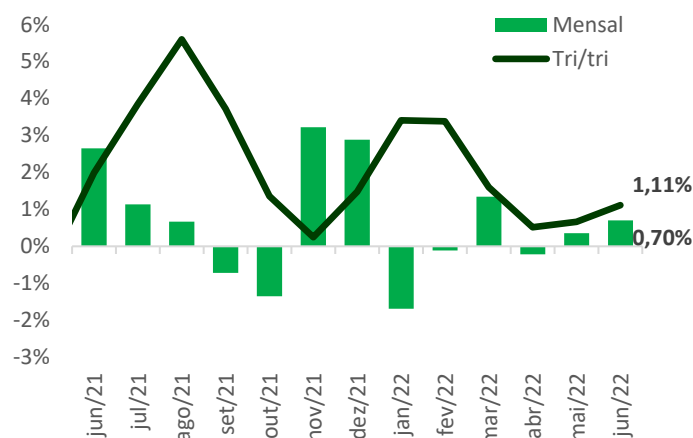
Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

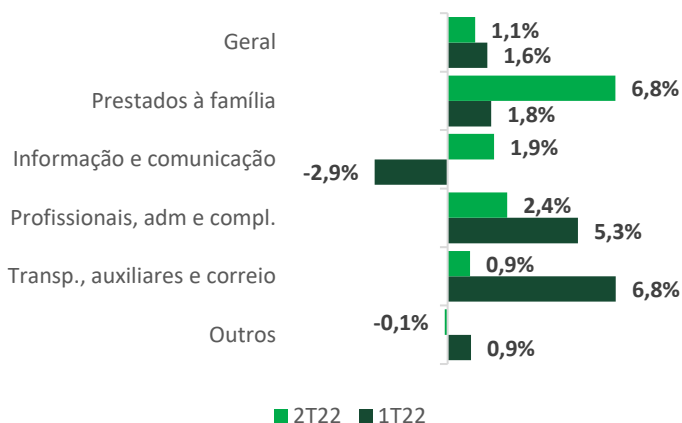
Pesquisa Mensal de Serviços - Jun/22

Variação Com ajuste sazonal



Na série livre de influências sazonais, o setor de serviços apresentou alta de 0,7% em junho, após a elevação de 0,4% em mai/22 e a retração de -0,2% em abr/22. 4 dos 5 segmentos apresentaram crescimento no mês, com destaque para as altas em outros serviços (0,8%), serviços profissionais e administrativos (0,7%) e transportes, auxiliares e correios (0,6%). Este último, principal responsável pelo resultado mensal, notadamente pelo transporte de cargas destinado às vendas on-line.

Variação Trimestral Com ajuste sazonal – por grupo

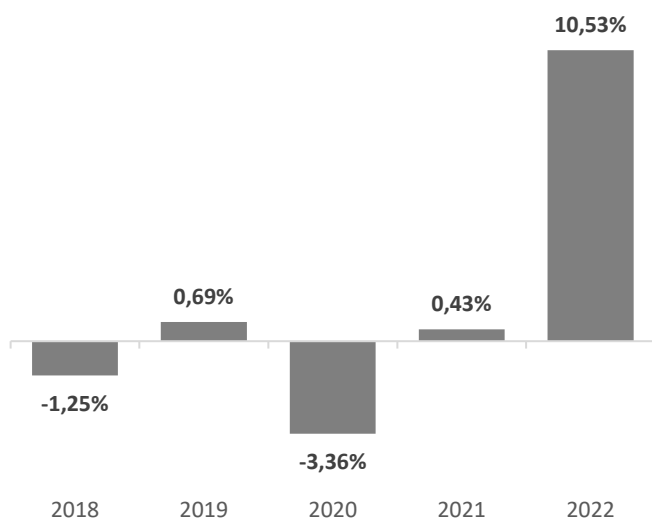


Com isso, a série com a variação trimestral, também dessazonalizada, apontou alta de 1,1% no 2T22, desacelerando em relação ao crescimento de 1,6% do 1T22, indicando um arrefecimento no ritmo de recuperação da atividade. O destaque positivo trimestral ficou para o aumento de 6,8% no volume dos serviços prestados às famílias (ante 1,8% no trimestre anterior).

Apesar do desempenho favorável do mês, a variação anual do volume de serviços acumulado em 12 meses registrou perda no ritmo de crescimento, ainda que permanecendo em patamar elevado, fechando em 10,5% a.a. ante 11,7% a.a. em mai/22 (0,4% a.a. em jun/21).

Por fim, vale registrar que o setor de serviços atingiu em junho patamar 7,5% acima do período pré-pandemia (fev/20), com o segmento de serviços prestados à família, entretanto, permanecendo -6,1% abaixo do patamar de fev/20.

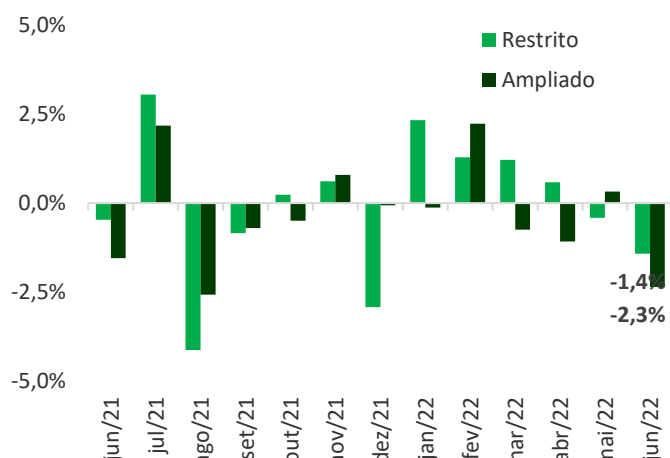
Variação Anual Acumulada em 12 meses



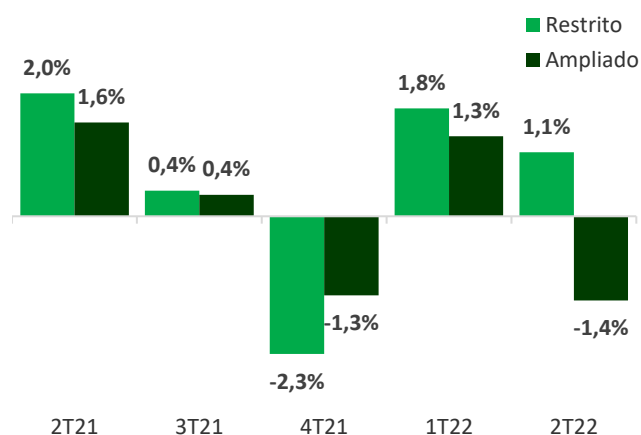
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio - Jun/22

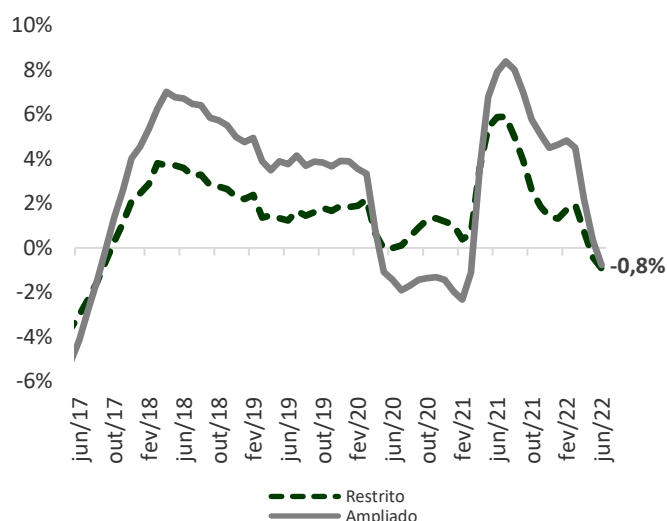
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Com ajuste sazonal – por grupo



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Ao contrário do setor de serviços, o setor varejista encerrou junho com retração de -1,4% no comércio restrito e de -2,4% no conceito ampliado, na série livre de influências sazonais, contra a queda de -0,4% e alta de 0,3%, respectivamente, no mês imediatamente anterior. No mês, os destaques negativos do comércio restrito ficaram para as quedas de: -5,4% em vestuários e calçados, -3,8% em livros, revistas e papelaria, -1,3% em outros artigos e -1,1% em combustíveis. Já a contração no comércio ampliado se deu especialmente em veículos, motos e partes (-4,1%).

O desempenho desfavorável do varejo seguiu influenciado pela dinâmica negativa para a inflação, elevado nível de endividamento das famílias e queda da renda, o que tem impactado negativamente o orçamento familiar, reduzindo as despesas com consumo. Nesse cenário, aparentemente, as medidas de recomposição de renda do governo, como o aumento do auxílio Brasil, saque extraordinário do FGTS, antecipação de benefícios e incentivos fiscais de apoio à demanda parecem não surtir ainda os efeitos desejados.

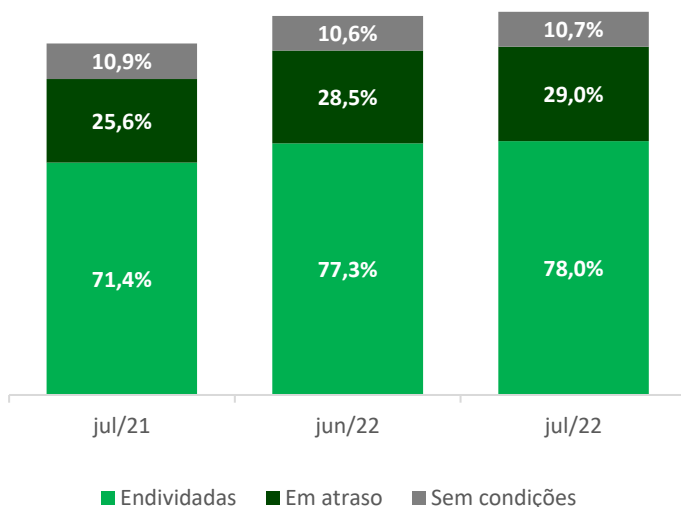
A série com a variação trimestral, também dessazonalizada, por sua vez, apontou alta de 1,1% no 2T22 no varejo restrito e queda de -1,4% no conceito ampliado, contra elevações de 1,8% e 1,3%, respectivamente, no trimestre anterior.

A variação anual do índice acumulado em 12 meses evidenciou também a perda de ímpeto do setor varejista, intensificando a trajetória de desaceleração de -0,4% a.a. em mai/22 para -0,9% a.a. no mês para o comércio restrito, enquanto o ampliado fechou com queda de -0,8% a.a. ante alta de 0,3% em mai/22.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

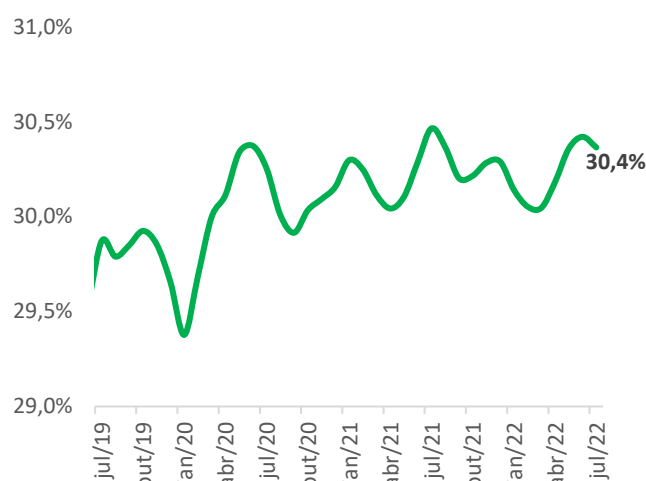
PEIC - Jul/22

PEIC (%)



A Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), apurada pela CNC, indicou que em julho 78,0% do total de famílias estavam endividadas, atingindo nova máxima histórica. Com acréscimos de 0,7 p.p. em relação a jun/22 e de 6,6 p.p. ante jul/21, o nível de endividamento mantém-se preocupante, com as famílias enfrentando dificuldades em honrar suas dívidas, com o seu orçamento cada vez mais apertado pela inflação elevada e pela provável deterioração do cenário para atividade por conta do aumento da taxa de juros.

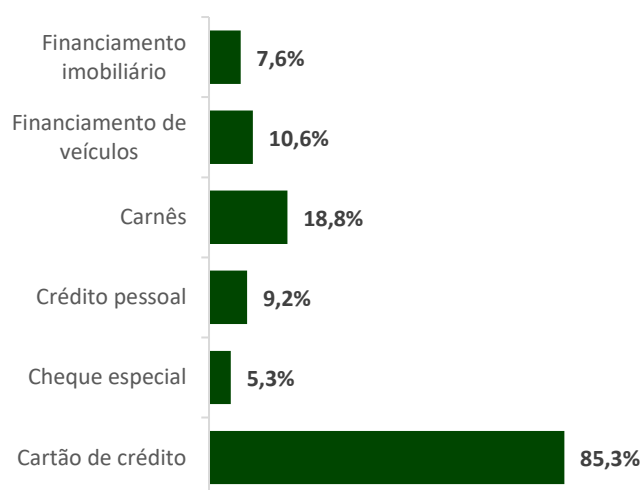
Parcela da Renda Comprometida % dos endividados



A dinâmica de aceleração do endividamento ocorreu de forma similar nas duas faixas de renda. Nas famílias de maior poder aquisitivo (acima de 10 SM), a alta da contratação de dívidas no mês foi mais intensa, 0,8 p.p. (75,0%), a despeito das famílias com renda mensal de até 10 SM, cujo avanço foi de 0,6 p.p. (78,8%).

Com as famílias endividadas tendo que arcar com uma parcela maior dos seus rendimentos com as obrigações financeiras conjuntamente à menor renda disponível, a proporção de famílias com contas em atraso vem crescendo consecutivamente desde out/21, alcançando o patamar recorde de 29,0% do total de lares (0,4 p.p. ante jun/22 e 3,3 p.p. ante jul/21). Dentre as famílias endividadas, 10,7% afirmam não ter condições de honrar com suas dívidas, permanecendo dessa forma inadimplentes (10,6% em jun/22 e 10,9% em jul/21). O avanço dos indicadores de inadimplência, após a moderação entre abr/22 e jun/22, indica que as medidas extraordinárias de suporte à renda, como os saques extras do FGTS e a antecipação do 13º salário aos beneficiários do INSS, aparentemente tiveram efeito restrito ao 2T22 no pagamento de contas e/ou dívidas já atrasadas.

Tipo de Dívida (% total)

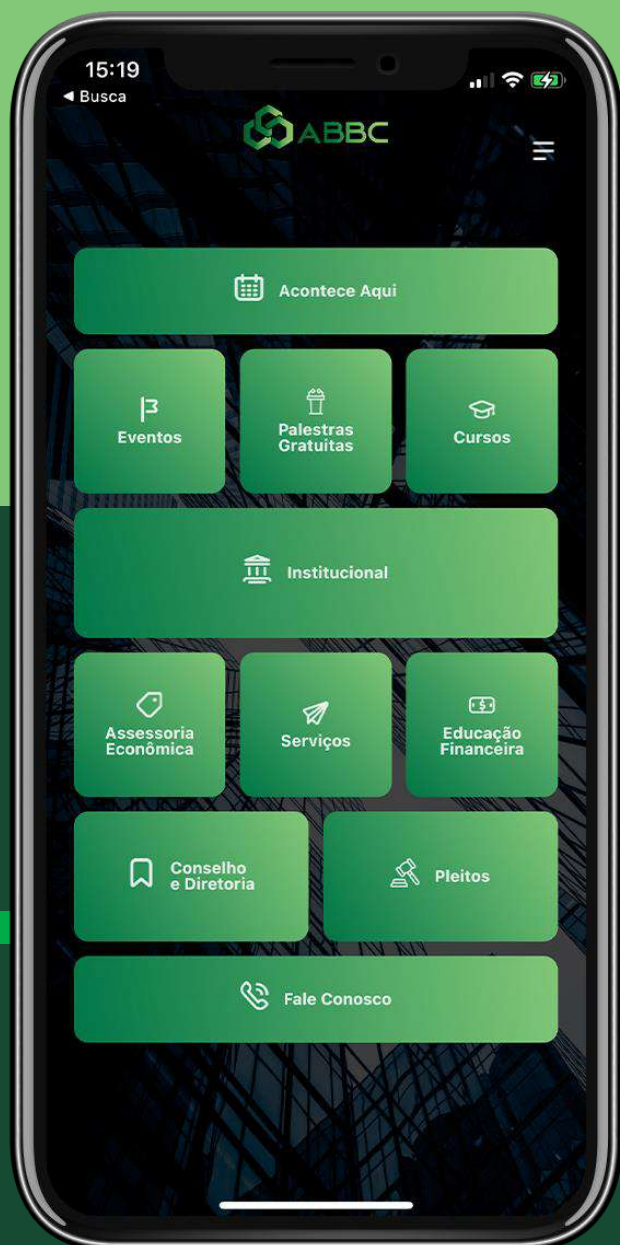


Das famílias com dívidas, a parcela média da renda comprometida manteve-se em 30,4%. O cartão de crédito permaneceu sendo a principal modalidade de endividamento, citada em 85,3% das famílias pesquisadas, com queda de -1,2 p.p. na margem e aumento de 2,6 p.p. em 12 meses. O tempo médio do pagamento das dívidas em atraso aumentou para 61,8 dias, ante 61,6 em junho, ficando pouco abaixo da média de 61,9 dias dos últimos 12 meses.

Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,7	0,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	9,0	9,5
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	7,1	5,4
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	11,4	4,8
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,00
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-18,0	-30,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	58,0	64,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,3	-0,3
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,7	-7,6
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	79,0	82,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688